

## ESTÉTICA OU FILOSOFIA DA ARTE

O conceito de estética para a filosofia é derivado do grego *Aisthesis* e *Aisthétikos*, que significa a percepção, a sensação pelos sentidos, em especial a percepção do belo e suas formas de representação.

A arte faz parte da humanidade desde a pré-história com as pinturas rupestres. Porém, a estética se tornou autônoma somente no século XVIII como uma disciplina filosófica. Isso se deve pelo fato de que até o século XV a arte estar relacionada com as atividades manuais, a técnica dos artesões, e o termo estética só passa a ser considerado quando a arte é considerada além das atividades manuais, mas também relacionada a atividades intelectuais, graças ao filósofo Alexander Baumgarten. Conforme cita Jimenez

Assim, a estética, que inaugura sua fase moderna a partir de 1750, não se declarou autônoma de um dia para o outro unicamente pela graça do filósofo alemão Baumgarten. Sua fundação, enquanto ciência, é o resultado de um longo processo de emancipação, que, pelo menos no Ocidente, concerne ao conjunto da atividade espiritual, intelectual, filosófica e artística, sobretudo a partir da Renascença (JIMENEZ, 1999, p. 32).

Então, se percebe a passagem da idade média para o renascimento, a passagem do artesão para o artista. Também no renascimento, com a ideia de artista, os preços das obras aumentam de forma considerável, levando em conta, que anteriormente era cobrado somente o valor dos materiais utilizando, e agora passou a se cobrar pela genialidade do profissional. Promovendo um envolvimento entre a razão e a sensibilidade.

Segundo Hegel, cada momento histórico possui sua arte, essa então, faz parte do espírito de um povo, a arte acaba se confundindo com as religiões que se confunde com a história do mundo. Dividindo a arte em três ideais. Primeiro vamos falar sobre a arte simbólica segundo o filósofo é chamada de pré artística, como por exemplo a arquitetura das pirâmides do Egito, pensada na matéria. Outra arte é a clássica, determinada pela arte Grega, em que prioriza a escultura, que pensa na matéria e na forma. Então Hegel disserta que

[...] enquanto a arte simbólica é balançada entre mil formas, a arte grega determina livremente a sua forma em função da ideia, do conceito, das intenções que animam o artista. A técnica é tão perfeita que domina

plenamente a matéria sensível e a submete às ordens do criador. Este equilíbrio entre a forma e o conteúdo é frágil (HEGEL, 1835).

Por fim, a terceira arte é a romântica, não sendo romantismo, para Hegel, essa é a arte cristã da idade média até a idade moderna, nessa arte estão inclusas a pintura a música e a poesia. A pintura para o filósofo é a aparência visual em duas dimensões, a música é vista como a interioridade subjetiva ligada ao tempo e a poesia é a subjetividade exteriorizada a partir das palavras.

Portanto, pode-se perceber, que segundo Hegel, há cinco artes privilegiadas. Na arte simbólica, a arquitetura; na arte clássica, a escultura; e na arte romântica, a pintura, a música e a poesia.

No século XIX aconteceu a decadência da arte romântica, período em que a arte não era mais vista como o absoluto. Surgindo então a estética moderna, com a ideia de liberdade do artista e a autonomia da estética.

Se tratando do “belo”, Hegel destaca quatro teorias: que o belo artístico é superior ao belo da natureza, segundo ele, tudo o que vem do espírito é superior à natureza; A arte não tem por finalidade imitar a natureza, ou seja, a arte não é espelho do mundo, mas sim o reflexo do pensamento; A arte não é uma ilusão, apresentado verdade; O absoluto se manifesta nas formas culturais mais elevadas, sendo essas formas a arte, a religião e a filosofia.

Fry destaca que

[...] não há qualquer desculpa para o facto de um vaso de porcelana ser feio, mas há muitas razões para que um quadro de Rembrandt ou de Degas seja suprema e magnificamente feio, de um ponto de vista puramente sensual. Isto explica, creio eu, a contradição aparente entre dois usos da palavra belo, um para aquilo que tem encanto sensual e outro para a aprovação estética de obras da arte imaginativa, em que os objectos que nos são apresentados são, muitas vezes, de uma fealdade extrema. A beleza no primeiro sentido corresponde às obras de arte em que apenas o aspecto perceptivo é exercitado; a beleza no segundo sentido torna -se, por assim dizer, sobre -sensual e está ligada a uma avaliação da adequação e da intensidade das emoções despertadas [...] (FRY, 2009, p. 69).

Por fim, entendemos que a arte não terá fim, é um questão essencial da filosofia. Ela está viva e é extremamente necessária para a humanidade.